

João Breno - Lembranças...

A notícia da morte de João Breno me fez voltar no tempo. Há cerca de 40 anos, andando pelo centro de São Paulo, tive minha atenção voltada para algumas barracas de lona, montadas no Largo do São Francisco. As faixas e os cartazes em volta falavam de uma greve de fome de trabalhadores contra o “mau patrão”. Conversei com alguns operários e num domingo pela manhã estava em Perus, numa assembléia dos “queixadas”. Lembro da exposição do Dr. Mário Carvalho de Jesus, falando como um professor, explicando em detalhes a importância e o significado daquele movimento para a Justiça e o Direito.

Depois João Breno usou da palavra. Quem teve o privilégio de ouvir aquele homem se dirigir aos seus companheiros viveu uma experiência extraordinária.

Olhando os rostos sofridos dos trabalhadores, de suas mulheres e de seus filhos (as famílias dos operários participavam das assembléias, coisa única, que só presenciei em Perus), a gente via que as palavras de João Breno expressavam intensamente o que aquela coletividade estava vivenciando, em termos de sentimento, de raiva e de disposição de luta.

Acompanhar por alguns meses aquela firmeza e determinação de João Breno e seus companheiros foi uma experiência decisiva nos rumos da minha vida. Pouco tempo depois eu estava no “Juventude Operária Católica” (JOC), daí iria par-

ticipar da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, da luta contra a ditadura militar, das greves do ABC, da formação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 1993, por conta dessa militância, o governo malufista da Prefeitura de São Paulo quis me punir, e me deixou como única alternativa trabalhar na Administração Regional mais distante de minha casa: PERUS. Que bom!

Desci na estação e, mesmo passados mais de 30 anos, me vieram na lembrança aqueles dias em que lá estive para acompanhar a luta dos “queixadas”. Alguns dias depois fui ao Sindicato e encontrei João Breno. É impossível descrever a impressão que me causou a conversa com ele, a

mesma energia, a mesma determinação, apesar da idade e de tudo por que ele passou.

Estava presidindo a Associação dos Aposentados, cuidando da documentação de toda a luta dos trabalhadores do cimento e batallhando para transformar a fábrica desativada num

grande Centro de Cultura Operária.

Deixei a Regional de Perus em 1997 e não o vi mais.

Homens como João Breno (infelizmente são tão poucos!) não morrem e estarão sempre presentes na memória e no reconhecimento dos que tiveram a felicidade de os conhecer e procurar seguir o exemplo de vida e de luta que deixaram.

Elias Stein,
em homenagem ao amigo João
Breno morto em dezembro de 2002

Cláudio Araújo



CHQ-555-01-00216